

A PROPÓSITO DE PANDEMIA E «NORMALIDADE»

Estamos a viver uma difícil situação pela difusão de um vírus chamado Covid-19. Relativamente à sua génese, não acreditamos em nenhuma «hipótese de complô»: solução simplista para não ler a situação como ela realmente é. A confirmar isso está o facto de que ninguém está a beneficiar disso, bem pelo contrário. A causa da epidemia é uma típica condição de ultra-desenvolvimento industrial e mercantil. Milhões de camponeses deportados na China para lotar as novas metrópoles, com estilos de vida ainda agrestes (animais silvestres, animais de criação e avículas desmembradas vivas em mercados insalúbres lotados de pessoas) e condições de sobrepovoamento urbano foram o detonador desta pandemia. A globalização das deslocações humanas (é preciso só de um passageiro num avião para levar o vírus para outro lado do mundo em apenas seis horas) fez o resto, contaminando o planeta todo. Os empresários e as suas viagens de negócio foram os primeiros *untori*(contagiadores) no mundo. A hipótese complotista é, de alguma forma, uma hipótese consolatória. Afinal de contas, é mais fácil acreditar que haja pessoas extremamente más, capazes de fazer uma tal perfídia. Mais difícil é aceitar que seja a inteira sociedade a ser extremamente má. O verdadeiro lado obscuro que o complotismo tenta obscurar ainda mais.

Cabe-nos dizer que governos, políticos, capitalistas, máfias em anexo, empresários e lacaios aproveitam de todas as situações e eventos para os seus interesses. Pouco ou nada lhes interessa de pessoas exploradas e pobres, senão o facto de que fiquem enquanto tais: exploráveis e «força-trabalho».

Muitos exemplos podem ser citados, como «as reconstruções» depois de terremotos e outros eventos naturais, quando os construtores esfregam as suas mãos enquanto a terra ainda acaba de tremer, ou durante e depois das Guerras etc.

Infelizmente, temos a memória curta. O estado de emergência amplifica ainda mais o pensar nos próprios assuntos, o cagar para tudo e todos, o emparvecer na frente da televisão e dos social networks, e o engolir tudo aquilo que nos dão para comer.

O pior costume a que nos obrigou o sistema é a ignorância, o abandonarmos à informação de massa e à desinformação dos *social*. Assim, um vírus, mais do que se instalar nos nossos corpos, ele entrou nas nossas cabeças. Está claro que uma pandemia, entre outras na história da humanidade, se desenvolveu e continua fazendo mortes trágicas, deixando consequências para quem adoece e não só. Acompanha isso um bombardeamento mediático de regime que, mais do que esclarecedor, é confusório e de conveniência.

Memória curta diziamos nós. Sobretudo à volta dos políticos, aqueles que sempre se enriqueceram à custa dos outros, que especulam por meio dos bancos, numa reprodução constante de escândalos financeiros, poder e privilégios. Agora, apresentam-se como «salvadores da pátria», entre apelos à unidade condimentados por uma retórica de «guerra». Não será assim, porém, a verdadeira guerra militar e as outras tantas guerras que financiam ou fazem diretamente estes democratas sinceros no poder? Aqueles milhares de mortos civis não são números?

Dizem-nos que «estamos todos no mesmo barco», mas conhecemos bem quem está empenhado a preservar os próprios proveitos e interesses, por isso, chegou o momento de atirar ao mar bastante gente: políticos, banqueiros, capitalistas e os seus bófiás, patrões, padres e muitos outros.

A própria Organização Mundial da Saúde, órgão incontestado daquele poder político que é a Ciência, parece ser a única salvação. A mesma, que no seu topo tem um diretivo ligado aos interesses das *lobbies* da produção de vacinas e de abastecimento médico, torna-se a boa samaritana da situação. Como aqueles que, em plena emergência (em fevereiro de 2020), tiveram o tempo de dar luz verde ao 5G na Itália e na Europa, e à implementação do uso das tecnologias da inteligência artificial e das redes de controlo social, fazendo passar como «inócuos» para a saúde o aumento exponencial dos campos eletromagnéticos em larga escala. Como assim? Não era já suficientemente nocivo um simples telemóvel?

O que dizer, depois, sobre os industriais, dos ricos patrões que se mostram filántropos quando lhes convém, só para continuar a produzir proveito. Um exemplo são alguns colossos automobilísticos, alguns de luxo, que têm «convertido» temporariamente a sua produção para montar aparelhos sanitários ou máscaras. Isso, que fique claro, deu-se mais por propaganda do que como efetiva produção sistémica. Os números são, de toda forma, irrisórios. Um «gesto simbólico» de cunho nacional-empresarial, conveniente para deitar areia para os olhos. Estas fábricas, quando a «normalidade» regressar, voltarão a produzir carros que poluem, tanto por causa das emissões de hidrocarbonetos quanto pela energia necessária aos carros elétricos (é isso, a energia não cai do céu, mas é produzida nas centrais), e continuarão a manter o nível de insalubridade da terra, onde será potencialmente gerada mais uma epidemia. Então iremos precisar de máscaras por causa do ar poluído.

A filantropia dos ricos não nos engana. Eles voltarão, como os patrões, a Igreja e os políticos, a impor aquela «normalidade» da economia global capitalista, feita de taxas, produção-consumo, guerras, exploração e especulações. O sistema capitalista e o Estado nunca tornaram as pessoas «todas iguais». Nunca o farão. Patrões e explorados combatem entre si desde sempre, e o servilismo voluntário de alguém não significa que esteja certo ou que seja normal vergar-se a quem manda. É

importante não delegar às instituições a própria existência, já esmagada por uma vida de regras, leis, medos induzidos, «emergências» e deveres. A unidade e a solidariedade deve existir entre os explorados e os oprimidos do mundo todo, pela realização da autogestão das próprias vidas numa perspectiva de autonomia e libertação.

À pandemia o Estado respondeu com a polícia. Empresários e industriais ameaçaram por meio desses órgãos predispostos a protegê-los: polícia, militares e Ministério do Interior. À rebelião de tantos trabalhadores que ameaçam de fazer greve (e realmente fazem) pelas condições de trabalho, carne para canhão nas fábricas, nos campos e nas empresas no pleno da pandemia, o Estado democrático recorreu à possível requisição, às denúncias/multas para quem faz greve. A repressão é sentida também nas ruas, ela está viva nas prisões que mataram doze presos. A sentem os refugiados que nos campos do centro-sul da Itália trabalham como escravos para a apanha agrícola e vivem em barracas em condições desumanas também em tempos de pandemia, para garantir o nosso almoço. Claro, os refugiados «são úteis» até que se deixam explorar e até quando se encontram os produtos no banco do supermercado. No caso contrário, invoca-se a exclusão e o racismo, e votos para quem grita «invasão»...

Presidentes das câmaras municipais, políticos e plumitivos da imprensa, reclamam a polícia e o exército; repressão e controlo tecnológico individual e de massa, detenções e denúncias. E depois, apelos à delação para quem vê ajuntamentos e quem sabe o quê, convites a se tornarem cidadãos-polícias, ou seja, espiões. A quem se adequa obedecendo a estas infames práticas delatórias vai todo o nosso sincero menosprezo e os mais sinceros votos de repercussões de vingança.

À volta desta atual micro-situação temos a macro-economia, ou melhor, a grande Finança, que se encaminha em direção de uma crise global. A pandemia do Covid-19 é um evento casual que acelerou uma tendência já começada há tempo: a crise da globalização.

«Um novo modelo industrial e social baseado no futuro nas novas tecnologias é já em curso e o estamos a viver...», citam os especialistas. Os estado-nações tendem a voltar protagonistas, e será pior. Alguns governos recorrem aos primeiros ministros onnipotentes mais do que antes, e se debruçam novas ditaduras e nacionalismos aqui e ali. A recessão está atrás da esquina, a crise da moeda ainda mais. Saberão, como sempre, onde e quem espremer: os explorados. O disfarce do «melhor dos mundos possíveis» começa a perder pedacinhos.

A retórica unitária de salvação nacional é uma estratégia que tenta manter a paz social com a finalidade de travar o conflito social. Se há conflito social não há crescimento económico dizem os

«especialistas», na esperança que a desigualdade seja engolida por meio de falsos ideais identitários de agregação. A este propósito, vamos berrar: «Eu não canto o hino!!!»

Muita gente morreu e morre, isso, infelizmente, é uma verdade. Mas nós não vamos chorar pelo manager da Porsche ou pelo Príncipe da Inglaterra, o rico industrial ou um Primeiro Ministro, o bófia que nos reprime, que nos multa, nos bate durante as greves ou dispara nas manifestações ou nos protestos, que espanca nas esquadras e nas prisões.

Os nove anos de guerra na Síria provocaram 390.000 mortos; 11 milhões de pessoas tiveram de deixar as próprias casas; 4 milhões de refugiados em fuga. Os próprios migrantes e refugiados são usados como chantagem económica-social pela Turquia e duramente reprimidos nas fronteiras com a Grécia. Já os esquecemos? E os milhares de mortos na guerra no Iémen, suportada graças ao fornecimento de armas pela Itália e França?

Não nos vão salvar as rezas do Papa e dos padres, ladrões e fraudes morais. Não cantamos o hino, nenhum tricolor, sombra dos nacionalismos mais parvos que sempre mandaram à destruição bélica o povo e enriqueceram a burguesia.

Necessário mais do que nunca é uma tomada de consciência dos oprimidos. A História é sempre contada pelos vencedores dominantes, pelo poder governamental, para se tutelar e dividir os oprimidos, é usada como instrumento para desencadear a guerra entre pobres. Será, pelo contrário, a luta dos oprimidos contra os opressores que poderá garantir-nos a emancipação, em liberdade total, e sugerir-nos e indicar-nos o caminho a empreendemos, os momentos para aproveitar e destruir um sistema corrupto e podre, para nos rebelarmos.

«A ruína não nos dá medo. Sabemos que não vamos herdar nada mais do que ruínas. Porque a burguesia tratará de arruinar o mundo na última fase da sua história. Porém, nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo nos nossos corações... Esse mundo está a crescer a cada minuto que passa», Buenaventura Durruti, revolucionário anarquista.

O ideal anarquista leva em seio o respeito fraterno entre quem não quer servos nem patrões, oprimidos e opressores. A paz entre os oprimidos, a guerra social contra os opressores que querem manter privilégios políticos, económicos e sociais.

Anarquia como mudança revolucionária da qualidade da vida. Livres de divisão de classes, de preconceitos sexuais, de racismo e religião, todos instrumentos para dividir e dominar o mais débil. Livres da chantagem do trabalho assalariado, das instituições repressivas (prisões, tribunais, militares) não necessárias, onde não há poder nem propriedade privada. É necessário emancipar-se

para nos soltarmos do Estado, organizando-nos. Isto por meio da luta, sem mediações políticas e apaziguadoras de sindicatos institucionalizados e submissos, sem politiqueros de turno.

«Nós invocamos a anarquia, esta manifestação da vida e das aspirações, a verdadeira igualdade entre todas e todos. Como temos muita confiança nos instintos das massas populares, o nosso meio de revolução consiste no desencadeamento organizado por meio daquilo que se chamam paixões más, e na destruição daquilo que, na mesma linguagem burguesa, se chama ordem pública»,
Michael Bakunin

Alguns «Anormais»